

BIBLIOTECA
DO SENADO
FEDERAL

E. CARLOS PEREIRA

A RELIGIÃO CRISTÃ

EM SUAS RELAÇÕES COM

A ESCRAVIDÃO

V

326

P436

RCF

1886

A RELIGIÃO CRISTÃ

EM SUAS RELAÇÕES COM

A ESCRAVIDÃO

POR

F. CARLOS PEREIRA



SOCIEDADE BRASILEIRA DE TRATADOS EVANGELICOS

SÃO PAULO

IMPRIMARIA A VAPOR DE JORGE SECKLER & C.

1886

v
326
P436
n cn
1886

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob numero 83-F
do ano de 1974



Uma scena da Escravidão

I

Clama não cesses, levanta
como trombeta a tua voz e
annuncia ao meu povo as suas
maldades, e á casa de Jacob
os seus peccados. Is. 58-1

Entre as recordações do meu passado, uma sobresaê, como nota discordante em saudosa harmonia.

Era eu iniciado em uma fazenda, no segredo das primeiras letras.

Um dia, um ruido partindo de um quarto fechado, na extremidade do terreiro, chamou minha attenção. Approximei-me e escutei. Gemidos surdos e supplicantes distinguíam-se no meio do som de algumas cousas flexiveis que cahiam compassadas sobre um corpo molle. De vez em quando, uma voz

ameaçadora respondia ás supplicas humildes de alguma victima. Conheci a voz e comprehendí os gemidos: alli dava-se uma dessas scenas da escravidão, montruosas e dilacerantes, que tem de mil fazendas chamado terri-veis maldicções sobre este desventurado paiz.

Sentia bater-me rovoltado o coração ; mas que podia eu fazer, se não derramar uma lagrima inefficaz de indignação e piedade pelo pobre captivo ?

Soffre misero escravo, já que cometteste o crime de nascer nos climas ardentes da Africa, e já que perpetraste um outro não menos grave—de abandonar o *eito* e o azorrague do feitor, para procurar no matto a liberdade do foragido ! Desgraçado que não contavas com a fome para te arrancar dos bosques sombrios, nem com stigma de tua côr para te denunciar aos *caboclos* avidos da recompensa do teu senhor ! Paga, pois, com o teu sangue os prejuizos que deste. Soffre, geme e morre, infeliz, que o dia da redempção não raiará para ti ! Morre porque neste paiz *civilisado* e *christão*, só a morte pôde suspender o braço automatico de teu parceiro, antes que se cumpra a novena fatal determinada pela justiça da fazenda ! Entretanto, console-te e cosole-nos a crença de que os teus gemidos e o teu sangue têm sido recolhidos no calix da ira da recta e tremenda justiça.

Lembro-me que no dia seguinte, ou dias depois, achei o quarto aberto e entrei. Oh! miseria! alli estva pendurado um instrumento horrendo: um páo curto de um centimetro de diametro, mais ou menos, servia de cabo a algumas correias de couro crú, finas e duras, todas ensanguentadas nas extremidades e salpicadas no resto. Uma escada no chão indicava no quarto o lugar de supplicio.

Sahi. O dia era esplendido e os sorrisos de um ceu azul varreriam, por certo, bem depressa de meu espirito pueril as dolorosas impressões, se um novo espectaculo não as viesse accentuar profundamente.

Fui ao quintal, e lá, á sombra de uma laranjeira, vi deitado de bruço, um pobre negro, que, se não me falha a memoria, tinha uma grande massa de ferro cingindo-lhe os tornozelos. Acheguei-me: era a victima desventurada que alli procurava um abrigo contra os ardores do sol. Enxotei as moscas que o perseguiam, e—espectaculo repugnante!—atravez do trapo que mal cobria-lhe as nadegas, pude perceber uma chaga viva, funda, e purulenta!

Oh! maldicta instituição, que desperta no homem o instincto da féra, obliterando os mais comesinhos sentimentos de humanidade!

Quasi vinte annos são passados, e onde estará esse infeliz ?

A morte provavelmente ter-lhe-há dado o repouso e hospitalidade que lhe negaram peitos humanos. Ou talvez ainda arraste miseravelmente para o *eito* um resto de carne que sobrou ao *bacalhão* e ao *velho* do feitor, resto vergonhosamente disputado pela voracidade do escravismo na opposição a libertação dos sexagenarios.

E entretanto, quantos desgraçados como esse, privados violentamente de seus direitos naturaes, têm sido, durante tres seculos, covardemente explorados, cruelmente martyrisados e mortos pela civilisação humanitaria de nosso culto Imperio ?

Tremenda realisação teve a maldicção de Canaan, mas ai daquelles por quem se cumpriu e se cumpre a terrivel predicção de Noé !

Terriveis eram tambem as prophcias sobre o Filho do Homem, mas ai do Iscariotes que o vendeu, ai do povo deicida que as cumpriu !

Pois bem, que após tantos e tão grandes soffrimentos, os gemidos e gritos de dor das victimas de nossa cubica e malvadez échoem, como a voz pavorosa do remorso aos ouvidos da geração actual ! Que o sangue e as carnes despedaçadas dos miseros

captivos, sejam espectros que venham constantemente perturbar-lhe o somno criminoso de um indifferentismo egoista e covarde!

E' mister que a imprensa clame e não cesse, que levante como trombeta a sua voz e denuncie ao povo a monstruosidade deste peccado nacional, que já não tem para o attenuar a ignorancia dos seculos de trevas.

E' mister que se diga com franqueza aos senhores de escravos o quanto ha de offensivo ás leis de Deus e da humanidade, o quanto ha de vil na vergonhosa exploração de uma raça que tem tanto direito, como qualquer outra, á liberdade que Deus lhe deu.

Clamarei e denunciarei aos novos filhos de Israel esse crime que mancha ainda o seio das egrejas evangelicas do Brazil, com grandissimo detrimento do Evangelho.

E enquanto a justiça falar por minha bocca, minha voz terá a mesma auctoridade que a do Propheta, porque a voz da justiça é a voz de Jehovah.

A escravidão perante o Velho Testamento

II

Lembra-te que também tu foste escravo na terra do Egypto, e que o Senhor teu Deus te libertou; e por isso eu te ordeno agora este preceito. (Deut. 15. 15).

Quando examinamos a escravidão á luz da razão e dos nobres sentimentos do coração, quando a consideramos em suas desastrosas consequencias sociaes, podemos affirmar *a priori* com toda a segurança, que ella não tem, não pôde ter, a sancção divina.

Se não é uma mentira o sentimento do justo e do bom, o mais nobre apanagio com que nos dotára o Creador; então não pôde a escravidão appoiar-se nem no Velho e nem no Novo Testamento, que contém a sublime revelação desse grande Creador, cuja justiça infinita e infinita misericordia se reflectem nas almas creadas á sua imagem e semelhança.

Nada, porém, obscurece tanto o entendimento como os interesses mal entendidos desta vida. Não é para estranhar, senão para lamentar profundamente, que muitos christãos commettam o sacrilegio de defender sua *propriedade escrava* com a Palavra do Deus de justiça e de amor.

E' tempo de abrir os olhos desses irmãos, encarando a escravidão á luz de ambos os Testamentos. Examinal-a-ei hoje perante o Velho : em artigos subsequentes vel-a-emos á luz do Novo.

Do estudo do Pentateucho inferimos que uma especie de escravidão era *tolerada* pela legislação mosaica ; porém, esse mesmo estudo nos revela que o seu character era muito diverso do da escravidão que infelizmente reina em nosso paiz.

Pondo por agora de parte essa ordem de considerações, pergunto: Porventura, o Velho Testamento instituiu ou mesmo approvou essa escravidão branda, que não podia, entretanto deixar de ter certo gráu de injustiça e oppressão? Respondo—*não*, apenas *tolerou*.

O Divino Mestre reivindicando a justiça de Deus, nos patenteia a razão dessa tolerancia.

Tentaram os phariseus um dia pô-lo em collisão com Moysés, sobre o divorcio. Tendo perguntado se era licito repudiar-se a mulher, por qualquer causa, e sendo-lhes respondido que não, replicaram: Porque então Moysés o permittio?

Por causa da dureza do vossos corações ; mas ao princípio não era assim, retrucou-lhes o Senhor. Matt. 19 : 8.

Esta resposta e razão, que faz resaltar a sabedoria e bondade de Deus, explica a *tolerancia* desse brandô captivoeiro entre os judeus, ao mesmo tempo que resalva a Justiça Divina.

Ao principio não era assim, Deus não instituiu o divorcio por qualquer causa: tolerou-o, preparando o povo para o restabelecimento da pureza e justiça primitivas. Assim da escravidão em qualquer grão, Deus não creou um *negro* afim de cultivar para Adão e Eva o jardim do Eden, mas elles o cultivavam com suas proprias mãos. (Gen. 2: 6, 7, 18.) Depois, quando a terra produziu espinhos e abrolhos, não disse o Senhor:— *Comerás o teu pão no suor do rosto de teu escravo*; mas ordenou:— *Comerás o teu pão no suor do TEU rosto*. (Gen 3: 18, 19).

Esta é a ordem primitiva, por Deus instituida: porém, os homens á medida que se multiplicavam sobre a terra, cresciam na depravação de sua natureza decahida. As trevas de seu entendimento tornavam-se cada vez mais negras e apagavam na sua alma os vistigios da imagem primitiva de justiça e santidade (Ephesios 4: 24). O orgulho, a cubica e a indolencia foram arraigando profundamente a escravidão nos costumes de todos os povos, como a lascivia foi introduzindo a polygamia na vida intima de todas as sociedades.

Desarraigar essas instituições abominaveis sem preparar o povo, sem elevar a sociedade á comprehensão da justiça e santidade, era deitar remendo de panno novo em vestido velho, ou despejar vinho novo em vellos ôdres.

Dizer a esses homens obscurecidos que elles não tinham o direito de matar ou escravisar os prisioneiros feitos com o valor de seu arco ou de sua espada, em guerra franca com os seus inimigos, era dizer-lhes uma cousa absolutamente incomprehensivel, inteiramente absurda.

Diante da *dureza dos corações*, notemos a prudencia de Moysés, e a paciencia de Deus em *dissimular os tempos dessa ignorancia*. (Acts. 17 : 30.)

Não podendo abolir a escravidão, o legislador dos hebreus cerca-a de taes medidas, que cerceia-lhe os abusos e tira-lhe o character de crueldade, que é sua feição proeminente em nossa sociedade *culta e christã*.

E' admiravel ver esse grande Legislador, ha tres mil annos em um paiz asiatico, elevar-se na comprehensão da justiça, nos sentimentos da humanidade, muito acima de nossos legisladores do seculo XIX.

Estabeleçamos um pequeno confronto e envergonhem-nos do contraste.

Aquelle que furtar um homem e o vender diz Moysés, convencido de crime morra de morte. (Ex. 21 : 16).

Entretanto, os nossos legisladores legalisam o infame roubo e o hediondo trafico de africanos. Não é tudo: o art. 1.^o da lei Saraiva e Cotegipe, não exigindo a declaração de *naturalidade* da nova matricula, decreta a escravisação dos que são livres pela lei de 1831!

O contraste é doloroso: lá proclama-se a dignidade do homem creado á imagem de Deus: aqui destroe-se a obra do Creador, rebaixando suas creaturas racionais ao nivel de *cousas*!

Se comprares um escravo hebreu, elle te servirá seis annos, e ao setimo sahirá forro de graça. E não os deixará ir com as mãos vazias. (Ex. 21 : 3. Deut. 15 : 13.)

O contraste é patente.—Depois de tresentos annos de uma horrorosa escravidão, cahe o glorioso gabinete Dantas por ter inscripto no seu programma a libertação daquelles que tinham já servido *dez vezes seis annos*!

Se alguém deitar fôra um dente ao seu escravo ou escrava, os deixará ir livres. (Ex. 21 : 27).

Entretanto, por tres seculos, sob a egide protectora de nossas leis, os escravos sahiam livres de seus senhores, quando, com

a carne ensanguentada, arrancavam-lhes os açoutes também a vida!

Não entregarás a seu senhor o escravo que se tiver acolhido a ti: elle habitará contigo no lugar que lhe agradar, e descaçará em uma de tuas cidades: não o molestes. (Deut. 23: 15, 16).

E' pungente aqui o contraste com a nova lei sobre o elemento servil.

Se um escravo, impellido por um instincto imperioso, evadir-se ás atrocidades do captiveiro, se, diz um dos nossos eloquente tribunos, « andrajoso, seviciado, espavorido, irrompendo de subito, vos cahir de joelhos entre as criancinhas, que vos affagam e a mãe, que vos sorri, é preciso esmagar o coração, afogar as lagrimas, carregar o semblante, e expellir o miseravel, ou amarral-o, para o entregar á justiça (!) Quando não, o processo, a multa de um conto de réis.»

Ao lado destas disposições mosaicas, que denotam o character brando da escravidão tolerada entre os judeus, ha uma recommendação tocante que não podia deixar de exercer profunda impressão no coração do israelita. E' a que está collocada á testa deste artigo. *Lembra-te que também tu foste escravo na terra do Egypto, e que o Senhor teu Deus te libertou.*

Uma tal advertencia dava uma immensa força ás tendencias libertadoras da legisla-

ção mosaica, e corria poderosamente para abrandar a *dureza dos corações*, e restabelecer no seio das famílias religiosas, a ordem instituída *ao principio*.

Fique pois por hoje demonstrado :

Que a escravidão, ou antes, servidão judaica era muito diversa da escravidão actual: consequentemente absurdo é justificar esta com aquella :

Que mesmo essa servidão era apenas *tolerada* em razão da profunda ignorancia dos tempos e dureza dos corações: razão que não póde ser invocada no seculo das luzes, sob a dispensação christã;

Que, finalmente, quem quizer defender sua *propriedade escrava* com o Velho Testamento, deve appellar para a ordem *no principio* por Deus estabelecida:—*Comerás o teu pão no suor de TEU ROSTO.*

o Novo Testamento perante a Escravidão

III

Tudo o que vos quereis que vos façam os homens, fazei-o também a elles. Porque esta é a Lei e os Prophetas. Mat. VII. 12.

Ficou patente do artigo anterior que o Velho Testamento está longe de legitimar a escravidão. E o Divino Mestre, interprete

infallível da Lei e dos Prophetas, synthetizando os ensinamentos e o espirito do Velho Testamento, no texto supra transcripto, confirma plenamente as conclusões desse artigo.

Pois, se a Velha Dispensação, que São Paulo denomina—*jugo da escravidão* (Gal. V. I), condemna, entretanto, o captivo; a *Lei Real da Liberdade*, como chama S. Thiago (II, 8, 12) a Nova Dispensação, o sancionará?

E' por certo contristadora a necessidade de se mostrar a christãos que a indole do christianismo é inteiramente infensa, profundamente opposta á instituição servil.

De facto, Aquelle que veio «pregar remissão aos captivos», como declara o Propheta (Is. LXI, I) póde porventura pactuar com o captivo de qualquer especie? E seu sublime Evangelho que aos homens annuncia a «liberdade dos filhos de Deus», póde coadunar-se acaso com a escravidão? Finalmente, o Novo Testamento que nos apresenta o Filho de Deus derramando o proprio sangue preciosissimo para nos resgatar do captivo; o Novo Testamento, que encerra o Evangelho offerecendo a todos gratuitamente o Espirito do Senhor, que é o Espirito da liberdade (2.^a Cor. III, 17), póde porventura cobrir com seu manto de justiça e de amor, a mais flagrante e mais cruel violação do amor e da justiça?

No entanto, procuram alguns christãos, que talvez mereçam este nome, obscurecidos pelos interesses negreiros, justificar com certas recommendações de S. Paulo aquillo que não só é uma traição ao espirito do Evangelho, mas a negação completa das doutrinas e da vida desse grande apóstolo dos gentios.

S. Paulo recommenda aos servos que obedecam a seus senhores, e aos senhores que façam com os servos o que é de justiça e equidade; logo—fatal cegueira!—a escravidão justifica-se perante o Novo Testamento.

Com os olhos cerrados á luz do Evangelho, não attendem á monstruosa blasphemia de semelhante conclusão. Pois que? o espirito da liberdade e do amor fraternal pôde irmanar-se, sequer harmonisar-se, com a indole da escravidão? Christo, o Redemptor do mundo, pôde ser connivente na destruição sacrilega da obra do Creador, no assassinato moral de milhares de creaturas?

Brilhem, em nossas almas, alguns raios da esplendida luz do christianismo, e patentear-se-ha a loucura de uma tal conclusão.

Pondo o sello de sua auctoridade divina na Lei e nos Prophetas, prescreve o Senhor a seus discipulos: «Tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o tambem a elles.»

Agora pergunto:—este preceito do grande Redemptor, entendido na extensão em que deve ser, é ou não é, um preceito *abolicionista*?

Uma vez que elle penetre no entendimento, no coração e na consciencia do christão, que não é um mero hypocrita, póde elle deixar de determinar forçosamente, obrigatoriamente a libertação de seus escravos?

«Fazei aos outros o que quereis que os outros vos façam», sobre ser um artigo de lei positiva é uma verdade primeira, um axioma moral, de uma applicação tão intuitiva ás relações dos senhores para com seus escravos, que escusado me é insistir sobre ella.

Que outros dominados por mesquinhos interesses recusem systematicamente pôr em pratica nas multiplas relações da vida esta regra de ouro; nunca, porém, o fará o christão sincero, pois que lhe é ella duplamente santa, duplamente obrigatoria: o Creador lh'a prescreve pelo orgam da razão, e Christo nas aureas paginas de seu Evangelho.

Lançando por terra o muro que separava Israel dos outros povos, Christo affirma S. Paulo, matou em si as inimizades, e acabou com a distincção entre judeus e gentios.—Do alto do monte da Galiléa, enviando seus Apostolos, o Salvador proclama, perante sua Cruz, a egualdade dos homens

de todas as côres, a *catholicidade* da nova religião, que abrangeria no seio maternal todas as raças, linguas e condições. Na Parábola do Samaritano faz cahir as escamas dos olhos do doutor da Lei, e vibra, no peito estreito do judeu, a nota sublime do christianismo, ensinando-lhe que, próximo não é sómente o que falla a mesma lingua, ou o que tem a mesma cõr. Rasgando assim largos e desconhecidos horizontes, ordena Jesus a seu povo, como a synthese maravilhosa da Lei: «Amarás a teu próximo, como a ti mesmo».

E não é transgredir esse mandamento conservar meu próximo debaixo de um jugo que, em circumstancia nenhuma, queria sobre mim?

Com S. Paulo, é-me permittido dizer em nobre altivez: «De ninguem me farei escravo.» Mas, como pôde haver em mim reciprocidade christã, a caridade de Christo, se eu permitto que um outro homem seja feito meu escravo?

«Amarás teu próximo como a ti mesmo», é a condemnação terminante do captiveiro.

Ainda mais: quando, a noite, no teu quarto, seguindo as prescripções do Salvador, dizes: *Pae nosso*; estas palavras não queimam, por ventura os labios? Como ousas, nessas sublimes palavras da oração dominical, proclamar a fraternidade de todos

os homens, se lá na senzala estendem-se sobre dura taboa os membros andrajosos e alquebrados de um homem que é teu escravo? Onde está tua sinceridade? Pois aquelle que por um pouco se esquece de sua triste sorte, é de facto teu irmão para que tenhas o direito de dizer—*Pae nosso?* Levas acaso o desprezo de Deus a ponto de crêr que a tua oração será ouvida?

Não reparas que o suor do negro derramado por ti e para ti, seus membros fatigados, seu corpo deformado e andrajoso, sua intelligencia embrutecida, são terriveis petições bradando á eterna justiça: Não ouças a oração hypocrita: elle não é meu irmão: é meu senhor?

A admiravel introducção da oração dominical, reveladora da essencia divina do christianismo, é a manifestação eloquentissima de seu espirito fraternal, diametralmente antagonico ás injustiças e atrocidades inherentes ao captiveiro. E', portanto, a condemnação emphatica e peremptoria da escravidão.

Ella foi posta pelo Divino Mestre na bocca de seus discipulos, para ser proclamada como um protesto diario contra todas as tyrannias e violencias da ferocidade humana,

«*Pai Nosso!* tres syllabas que encerram a idéa mais elevada que nos foi dado com-

prehender, diz A. Martin, e que um dia deve quebrar todas as tyrannias, vivificar todos os povos, e constituir o genero humano em sua gloria e liberdade.»

E de facto, em todos os tempos e paizes em que o espirito genuino do Evangelho contidos nessas syllabas luminosas, se tem encarnado no seio de communidades, soube sempre o homem despedaçar os grilhões do captiveiro, para dizer a seu escravo: tu és meu irmão!

Liberdade e fraternidade, sublimes utopias do espirito humano, são os fructos universaes do verdadeiro christianismo.

Basta o que ficou dito para evidenciar que a indole e os preceitos do Novo Testamento, longe de harmonisarem-se com o elemento servil, são pelo contrario a mais energica e efficaz das condemnações contra essa postergação do direito natural.

Será, pois, crível, que o heróe mais eminente do Novo Testamento, o typo mais completo da caridade evangelica, a encarnação mais viva do espirito christão, o grande Apostolo dos gentios, trahisse a missão de amor, justiça e liberdade, de que o encarregára o Salvador, justificando a escravidão?

Impossivel.

E as suas recommendações?

E' o que examinarei no proximo numero.

IV

A Lei foi posta para... os roubadores de homens.

1. Tim. I. 9. 10.

Do exposto no artigo antecedente, pode-se affirmar sem hesitação que, se Moysés arrancou as prezas da serpe do escravismo entre os judeus, Christo matou-a entre os chritãos.

Cumpre, talvez, aqui observar com São Paulo, para dissipar qualquer duvida sobre a veracidade de uma tal asserção, que nem todo o que se publica judeu, é judeu: do mesmo modo muitos que se appellidam christãos são a deshonra desse nome.

E' tempo, porém, de lavar o Apostolo das gentes do labéo de escravocrata, entrando no exame de suas recommendações.

«Servos, recommenda S. Paulo, obdecei em todas as cousas a vossos senhores temporaes». «Vós, senhores, fazei com os vossos servos o que é de justiça e equidade: sabendo que o Senhor tanto delles, como vosso, está nos céos: e que não ha acceção de pessoas para elle». Col. III. 22, 23; IV. 1.

São estas as palavras que lidas atravez do prisma dos interesses negreiros parecem justificar a escravidão.

Quando, porém, as lêmos despidos de preconceitos, á luz dos altos interesses do Evangelho e das circumstancias do tempo, vemos desfazer-se a nuvem que ameaçava manchar os limpidos céos do christianismo,

Já fizemos convergir para estas recommendações a luz intensa do espirito e dos preceitos do Novo Testamento e tornarmos bem saliente a loucura, a blasphema e monstruosidade da conclusão escravista.

Indagarei n'este artigo as razões que ditavam ao Apostolo estas *apparentes* contradicções ao Evangelho, que elle prégava.

Enviado pelo Devino Mestre a semear as bôas sementes da justiça e do amor, encontrou no mundo gentilico, sobre a escravidão, as mesmas idéas acanhadissimas e ferozes, a mesma *duresa do coração*, que Moysés entre os judeus.

Que fazer? Abrir guerra immediata, tenaz, implacavel, era insensato. Seria talvez nobre mas com certeza não seria prudente que judeu ignorado, elle cahisse em guerra franca esmagado sob o peso da terrivel instituição, que se identificara com a vida das sociedades pagãs. Com os olhos humedecidos, admiramos John Brown protestando, no seculo XIX, do alto do cadafalso, contra a monstruosidade da escravidão; mas, com razão censurariamos o grande Apostolo, se,

não ponderando as circumstancias do tempo falseasse imprudentemente as sabias recommendações do Mestre, deitando o vinho novo de sublimes doutrinas em velhos ôdres pagãos.

Convinha-lhe portanto, imitar a prudencia de Moysés; importava renovar os odres, para que pudessem resistir á expansão poderosa das novas idéas.

Não devia, observa criteriosamente sobre este ponto o Rev. Houston, esperar a colheita antes de lançar a semente. Era necessario primeiro lançar as sementes da justiça, da caridade, da egualdade absoluta de todas as condições e posições sociaes perante Christo crucificado, da fraternidade universal perante o unico Deus de toda a terra, Pae commum de todos os homens, para que se pudesse obter a colheita luminosa da liberdade. Convinha que o espirito de Christo penetrasse primeiro na massa impura do gentilismo.

A escravidão era symptomatica do egoismo, indolencia e ambição desenfreada; relevava combater a origem do mal. E' por certo charlatão ou inexperiente o medico que combate os symptomas, em vez de combater a molestia.

Não raro é sêr uma febre, por exemplo, o resultado de uma lesão organica; neste caso, só a insensatez poderia levar o facultativo a

tentar cural-a, sem préviamente medicar o organo lesado.

Taes considerações tornam claramente comprehendidas as recommendações de S. Paulo. Como medico sabião e diligente, applicava as molestias originaes o poderoso remedio das novas doutrinas, certo de que com a molestia desappareceriam os symptomas.

Demais, S. Paulo não era um politico que pretendesse reformar os moldes das velhas sociedades. A regeneração social era apenas uma consequencia natural dos sãos principjos que prégava. Sua missão era immediata e mais elevada: elle buscava a salvação das almas pela fé em Jesus Christo crucificado.

Com que direito, portanto, obstaria elle a salvação urgente de milhares, levantando logo no principio o grito ensurdecido de preconceitos seculares, e profundos interesses de ordens privada e politica?

Por todas essas considerações assaz poderosas, convinha «dissimular ainda os tempos dessa ignorancia», e, como Moysés, a espera de melhores tempos, capitular ante a *dureza dos corações*, até onde fosse compativel com a dignidade ds seu ministerio.

As palavras do Apostolo, não importam, pois, a legitimação da escravidão em tempo nenhum, muito menos no seculo em que vivemos. O valor dellas póde ser expresso na seguinte paraphrase.

Tende paciencia, oh! servos christãos, vós sois escravos de Christo, que exige supporteis por mais um pouco a injustiça do captivo; afim de que a revolta prematura de milhões de escravos não lance terrivel confusão na sociedade, perturbando assim a disseminação da Nova Crença, levantando ella a blasphemia de poderosos preconceitos sociaes, e fazendo attribuir-lhe intuitos politicos e temporaes, em vez de fins espirituaes, a que exclusivamente mira.

Tende paciencia: a semente do Evangelho germina, e em breve colhereis o fructo saboroso da liberdade.

Quando consideramos que o numero de escravos no Imperio Romano, excedia quasi dez vezes á população livre, e constituia a quasi totalidade da parte activa da sociedade, podemos imaginar o quadro horroroso de uma conflagração social, se o christianismo não assumisse a posição prudente que assumia.

Seis annos mais ou menos depois que S. Paulo escreveu essas recommendações, a terrivel revolta do heroico Spartaco veio justificar plenamente a prudência do grande Apostolo

Cesar Cantú, tratando na pag. 51, do 4.^o vol. de sua H. Universal, da escravidão no Imperio Romano, evidencia a justeza do que fica

dito sobre os motivos que determinaram sua previdente posição ante o temeroso problema.

Como Moysés, ergueu-se elle muito acima de seu tempo, e lavra em suas epistolas a sentença de morte da escravidão, sem, entretanto, lançar a scintilla das conflagrações civis, que, já no anno 133 antes de Christo, convulsionara terrivelmente o Imperio.

Ante o estado explosivel da sociedade, revelado por essa temerosa revolta dos escravos e pela insurreição heroica dos gladiadores no anno 71 da era christã, admiremos a habilidade com que o Apostolo reprova a servidão, aconselhando os servos a se libertarem: «Foste chamado sendo servo? não te dê cuidado: e se ainda podes ser livre, aproveita-te melhor. Porque o servo que foi chamado no Senhor, liberto é do Senhor: assim mesmo o que foi chamado sendo livre, servo é de Christo. Por preço fostes comprados, não vos façaes servos de homens.» (1 Cor. 7. 21. 23).

Estas palavras com certeza não revelam grande enthusiasmo pela servidão.

Neste melindroso assumpto, não esqueceu-se S. Paulõ dos senhores. Não só lembra-lhes que elles e seus escravos são escravos de um mesmo Senhor, para o qual não ha *accepção* de pessoas, mas ordena-lhes que deixem *as ameaças* e façam com seus servos o que é de *justiça e equidade*.

É hoje que a dulcíssima luz do Evangelho tem dissipado os nevoeiros da razão, o que é, pergunto ao mais vermelho escravocrata, o que é que, perante os immutaveis principios da *justiça*, se deve fazer com aquelles que foram iniquamente privados de seus direitos ?

São notaveis ainda as palavras com que S. Paulo *apadrinha* um escravo fugido. O senhor é Philemon, e o escravo Onesimo. «Ainda que eu tenha muita liberdade em Jesus Christo, para te mandar o que te convém: comtudo antes te rogo com caridade... pelo meu filho Onesimo. Recebe-o não já como um servo, mas em vez de servo um irmão muito amado.» (Vs. 7, 10, 16).

Tal pedido não é certamente de um entusiasta pela propriedade escrava; pois, bem entendido, elle encerrava um *mandamento* para a libertação do convertido Onesimo.

Finalmente declara o excellenté Apostolo, que a Lei de Deus foi posta para a condemnação dos *roubadores de homens*. (1 Fim. 1. 10).

Fazer uma tal declaração é fulminar a escravidão, a do Brazil principalmente, em sua origem, e pôr os que se aproveitam d'esse *roubo*, debaixo do terrivel anathema da Lei divina.

E' de crêr que não invocarão mais impiamente S. Paulo, para cobrir com sua aucto-

ridade veneranda aquillo que é a contradicção flagrante do espirito e doutrinas do christianismo. Suas *recommendações* explicam-se á luz dos tempos, e não pôdem erguer-se em conflicto com o influxo invencivel do Evangelho, que tem em todas as espheras proclamado «remissão aos captivos».

O Pulpito em face da escravidão

V

Se o Atalaia vir que vêm a espada, e não tocar a trombeta: e o povo se não guardar, e vier a espada e levar uma alma dentre elles: este tal foi por certo apanhado na sua iniquidade, mas eu demandarei o seu sangue da mão do Atalaia. *Ec. 33. 6.*

A escravidão é um roubo sacrilego, porque a liberdade é um dom primitivo de Deus, essencial ao pleno cumprimento dos elevados destinos da personalidade humana.

A luz de nosso seculo, impõe-se esta proposição com clareza intuitiva de uma verdade axiomática. O mais intransigente dos escravistas, seja dito em homenagem á intellectualidade brasileira, não ousa negar o brilho de sua evidencia.

Fortissimo é, pois, a posição abolicionista n'este ultimo quartel do seculo: infelizmente não acontecia isso nos tempos

apostolicos. Custa a crer que tantas fossem as trevas do espirito pagão, que mesmo seus philosophos pugnassem em favor da escravidão, como de um direito natural, por isso que era uma necessecidade social.

Não póde com certeza subsistir a sociedade sem o trabalho manual e sem a industria; entretanto, apregoavam os cégos moralistas desses tempos, que não deviam os cidadãos deshonnar-se com a industria e o trabalho, naturalmente reservados aos que traziam no corpo o ferrete de captivos. Diz Xenophonte que o homem condemnado á trabalhos manuaes, torna-se inutil á republica, máo cidadão e máo defensor da patria. *Cicero tem por vergonhoso e indigna de um homem livre qualquer profissão laboriosa, e mal exceptua a architectura e a medicina.* C. Cantú vol. 4.^o, pag. 56.

Com preconceitos tão absurdos e infelizes não era de espantar, affirma o mesmo historiador, «que fosse a escravidão considerada como de direito natural, como um dogma politico pelos proprietarios e pelos philosophos, que não podiam comprehender uma sociedade sem aquella funesta condição. Mais ainda: os proprios escravos, quando se revoltavam, não contestavam o principio de sua condição, e limitavam-se a protestar contra os excessos de que os senhores os tornavam victimas.»

Isto projecta nova luz sobre a prudente attitude do Apostolo dos gentios, e sobre modo corrobora as considerações do artigo antecedente. Por mais de um motivo convinha-lhe alargar primeiro os horisontes moraes, e primeiro convencer de estultice a sabedoria daquelle seculo. O abolicionismo intransigente, immediato, seria um crime de lesa-sociedade, a violação de um direito social !

Hoje, que, após dezenove seculos de luctas, os brilhantes raios do christianismo tem varrido as carregadas sombras do espirito humano; hoje não ha mais razão para as reservas do Apostolo, pois é claro, como a clara luz meridiana, que a escravidão é a violação do direito natural, um crime de lesa-humanidade, um attentado sacrilego contra a obra do Creador.

A' luz destas verdades incontestaveis, qual deve ser a attitude do pulpito em face da escravidão ?

Deverá ser a attitude negativa da reserva ?

Porque ? Haverá perigo de partir do pulpito a fagulha productora de um incendio social ? Sobre 11 milhões de homens livres, haverá neste Imperio 100 milhões de escravos, cujo estado convulso, inflammavel, es-pere, soffrego, a primeira faisca incendiaria ?

Ridículo seria suppôr que a posição de S. Paulo no Imperio Romano, é identica á dos prégadores actuaes do Evangelho no Imperio do Brazil.

Porque então a reserva, o silencio medroso ante um crime tão grave?

Acaso os nossos ouvintês não saberão ainda que a escravidão é illicita e altamente offensiva a Deus, de maneira a ser necessario *dissimular os tempos desta ignorancia*, e preparar primeiro os ôdres para recebere[m] o vinho puro da justiça e caridade, da egualdade e fraternidade christãs?

Affirmal-o, seria desconhecer o trabalho de dezenove seculos.

Se nenhuma das circumstancias que justificavam cabalmente a posição, um tanto reservada de S. Paulo, subsiste hoje; então o silencio do pulpito não é prudencia: é infidelidade.

Sobre ser um roubo em face da razão, é o captiveiro a violação flagrante do espirito do christianismo, a postergação consciente dos sacrosantos preceitos do adoravel Redemptor.

Se isto é verdade, como já o demonstrei, como justificar-se o silencio dos atalaias de Israel?

Pregue-se o Evangelho, dirá talvez algu[m], e no dia em que elle plantar-se no

coração do senhor, cahirão por terra as cadeias de seus escravos.

Se este modo de proceder fosse licito em relação á escravidão, porque não o seria em relação ás loterias, ao jogo, á embriaguez, á quebra do domingo, e a mil outras externalizações do peccado?

Ha, portanto, nesse methodo de conducta uma falsa apprehensão dos deveres pastoraes, de que infelizmente se encarrega de demonstrar o aspecto de muitas familias crentes.

«Eis ahi, diz Amós, os olhos do Senhor Deus abertos sobre o reino que pecca, e eu o exterminarei da face da terra».

E as ruinas que juncam o sólo deserto do mundo antigo, lá estão attestando, na eloquencia de sua mudez, a veracidade do Propheta.

Não será, pois, dever urgente de empunharem o thuribulo os filhos de Arão, e fazerem subir de sobre o Altar o incenso de sua intercessão, antes que se accenda a ira do Senhor contra esse peccado nacional?

Mas, o fumo d'esse incenso provocará a justa indignação de Deus, se forem os sacerdotes participantes d'esse peccado. E ainda mesmo que não tenhamos o anathema em nossas casas, não existe elle porventura em nossas egrejas?

Se a injustiça da escravidão tem de chamar mais algum flagello sobre este paiz, não diz a Escriptura Santa que elle começará pela casa de Deus?

A apathia social nos acabrunha, e não é necessario muito atilamento para descobrir-se na escravidão a causa principal deste grande mal. E não é verdade que temos, em geral, a lamentar o mesmo mal em nossas communitades crentes? Porque então não encherger na mesma causa a origem d'essa atonia religiosa, d'essa velhice prematura, que ameaça as egrejas?

Não será, pois, tempo de bradar com Josué: «O anathema está no meio de ti, oh! Israel»?

Do seio das Egrejas Evangelicas, partiu, nos Estados-Unidos, o brado que espedaçou os ferros de quatro milhões de infelizes. Se tremendo foi o castigo que recebeu a resistencia do Sul, riquissimas foram as bençãos que seguiram-se á redempção dos captivos.

Os ministros do Senhor dirigiram representações ao governo da republica; o pulpito arremessou contra a nefanda instituição, os raios da condemnação divina.

Levantou-se então a consciencia nacional e esmagou com a planta de Lincolñ, a cabeça da serpe maldita.

E quando os navios negreiros cruzavam desassombrados, os mares, affrontando a justiça do Creador, foi ainda o espirito do christianismo que, apoderando-se de Wilberforce, Buxton e Lamartine, deu satisfação á Providencia, fulminando com o verbo incendiado da justiça e caridade o hediondo trafico de africanos.

Morreu, porventura esse verbo poderoso nos labios dos ministros do Senhor? O fogo sagrado do Evangelho, que dava tempera inquebrantavel á perseverante coragem de Garrison e Brown, que fazia pulsar no largo peito o coração generoso de Wilberforce e Buxton, não terá mais a virtude de infundir nos corações crentes a mesma dedicação, e produzir as mesmas pulsações ante a iniqua oppressão de uma raça desgraçada?

A' extincção desta iniquidade social está providencialmente ligado o protesto efficaz de eminentes christãos. Privar-se esta sociedade desse protesto fecundo, não é talvez frustrar-se os designios da Providencia, ou, pelo menos, incorrer-se na ameaça estampada á testa deste artigo?

Ainda mesmo que se duvidasse do extenso poder da palavra Evangelica neste vasto paiz, póde o pulpito assistir mudo, indifferente, sem violar seus mais sagrados deveres, ao espectaculo contristador de atro-

pelar-se o direito, a justiça e caridade, á sombra sacratissima da religião do Crucificado ?

Nada, pois, de contemporisação ou participação com o peccado social, que assaz tem prejudicado os vitaes interesses da Religião.

Levante-se em nome do Redemptor o mesmo protesto que já se tem levantado em nome da razão, da humanidade e dos interesses economicos deste paiz.

Salve-se a honra do Evangelho, cahindo de todos os pulpitos o raio exterminador da escravidão no seio das egrejas.

O crente e a escravidão

VI

O anathema está no meio de ti, ó Israel : tu não poderás estar diante de teus inimigos até não ser exterminado do meio de ti o que se acha manchado deste crime. *Josué 7. 13.*

Tendo nos artigos antecedentes chamado a attenção para o facto de ser a escravidão altamente offensiva ás leis de Deus e da humanidade ; cumpre-me, ao concluir a tarefa que me impuz, applicar a consciencia do christão sincero as verdades já expendidas.

Ouve-me, pois, com paciencia, prezado irmão, se é que possues escravos. Impelle-me o desejo de teu proprio bem, tanto quanto a compaixão pela raça expoliada.

1.º Tu professas ser christão, por consequente respeitador das leis de Deus, quer sejam ellas escriptas nas paginas das Escripturas, quer gravadas nas taboas de teu coração.

Pois bem, nunca attendeste á *manifesta incompatibilidade que ha entre essa profissão de fê e o captiveiro que mancha tua casa?*

Se ate aqui procuravas confusamente adormecer tua consciencia em algum texto isolado da Escriptura, creio que já te convenceste do absurdo e sacrilegio de semelhante tentativa. Não ousarás mais invocar S. Paulo como advogado da escravidão.

Se a religião, portanto, que professas, condemna o captiveiro, *escolhe* entre ella e os escravos que possues. Ou guarda teus escravos, e continua aproveitar do suor do rosto do teu proximo, e, neste caso, imitando o exemplo dos *gadarenos*, pede a Jesus que se retire de tua casa; ou então, restitue a teus escravos a liberdade roubada e declara por esse acto que não és um mero hypocrita.

« Mas isto é duro, dirás, ninguém tem o direito de me propôr tão critica alternativa. »

Que é duro, não o nego ; porém que não me assista o direito, mais ainda, o dever, de pôr diante de tua consciencia essa penosa alternativa, cousa é essa que podia ser verdadeira se tu e eu vivéssemos no seculo de S. Paulo.

A' plena luz do christianismo, que tem illuminado a esphera moral da humanidade, cumpro apenas um dever infelizmente negligenciado.

E em face do expendido em artigos anteriores responde-me: A escravidão é ou não uma *injustiça* que offende directamente o espirito e os preceitos do Evangelho ? Se é, como não ousas negar, não pôde ella deixar de ser um *peccado* profundamente desagradavel ao Deus de caridade annunçado pelo grande Redemptor.

E pôde o christão, sem perder, *ipso facto* o direito a esse nome sagrado, conservar *conscientemente* em sua casa, sob qualquer pretexto, uma cousa *peccaminosa*, desagradavel a seu Deus ?

Conheces que a escravidão é uma *injustiça*, portanto, um *peccado*, e continúas *voluntariamente* a commetter esse peccado ?

Não negarás, por certo, a S. Paulo e S. João o direito de te propôrem, em tuas circumstancias, a terrivel alternativa. Ouve.

« Se nós peccamos VOLUNTARIAMENTE depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais hostia pelos peccados, senão uma esperança terrivel do juizo, e um ardor de um fogo zeloso, que ha de devorar os adversarios. »

Filhinhos, ninguem vos engane. O que faz obra de justiça, é justo: como Elle tambem é justo. Aquelle que commette o peccado é filho do diabo. » Heb. 10. 27; João 3. 7, 8.

Abrindo, pois, diante de tua consciencia a terrivel encruzilhada, não fiz mais do que propôr-te o ensino desses illustres Apostolos. Não exhorbitei, antes te offereci uma pedra de toque para mostrares a teus irmãos o fino ouro de tuas crenças, e persuadires a ti mesmos da sinceridade de tua fé.

2.^o « E os meus interesses, como viverei depois », objectarás talvez.

Teus interesses são os interesses da justiça e da verdade, são os interesses do Evangelho, e a vida de tua alma vale mil vezes mais que a vida do teu corpo.

« Busca em primeiro lugar o Reino do Céu e a sua justiça », é ordem terminante de teu Divino Mestre. Quem, pois, ousa desobedecer ao Senhor dos senhores? Que ordem de interesses haverá na terra ou nos infernos, capaz de supplantar os supremos interesses do reino de Deus?

Demais, quem te disse que teus interesses temporaes soffreriam? Não vale a benção de Deus mais que os braços de mil escravos?

Disse-me, ha poucos dias, um fazendeiro que esperava colher cem alqueirés de arroz e colheu apenas quatro. Cumpre os preceitos do Senhor e «Elle abrirá as cataratas do céu e derramará sua benção sobre tí, e em abundancia.» Mal. 3. 7. 12.

Julgavam os Estados do Sul, na America do Norte, que acabar com os escravos era matar o «rei algodão», destruir a lavoura, e, conseguintemente, a riqueza e a prosperidade do paiz. No 1.º de Janeiro de 1863, um golpe violento do grande Lincoln converte em cidadãos 4 milhões de escravos. Após o terrivel abalo, e apesar de 4 annos de tremenda guerra civil, a riqueza e progresso dos Estados-Unidos não tem rivaes no mundo, e os sulistas em nada tem que invejar a prosperidade do Norte. Este quadro contrastado com o estado do nosso paiz, é uma eloquente confirmação da seguinte verdade affirmada pela Escriptura, verdade que naturalmente se verifica nos individuos, cujo aggregado constituem a nação. «A justiça exalta as nações, mas o peccado faz miseraveis os povos.» Prov. 14.34.

Além disso, Aquelle que disse, «Busca o Reino do Céu e sua justiça em primeiro lu-

gar,» acrescentou, «e todas as cousas (temporaes) se vos darão» Mat. 6. 33.

3.^o Mas a lei de meu paiz me permite possuir escravos» dirás talvez no desejo egoista de conservar tua *propriedade*.

Dado que haja essa lei, *ella é nulla perante tua consciencia*, ainda mesmo que promulgada por uma assembléa de anjos. Não ha para ti lei valida, que se levante contra as leis de Deus.

Essa pretença lei te concede a posse da liberdade de outro homem; porém uma lei primitiva e mais alta confere a esse homem o dominio de sua propria liberdade. As duas leis se contradizem: é necessario *escolher* entre ellas, e eis de novo a *critica alternativa* a surgir diânte de ti. Ou a lei dos homens ou a lei de Deus: decide.

4.^o Os que, pela astucia e pela força, se apoderaram, nas costas da Africa, de homens livres, para vendêl-os aos fazendeiros do Brazil, commetteram evidentemente um roubo hediondo. *E todas as leis de nossos legisladores não pôdem legitimar um roubo*. A Lei de Deus ahi está, declara S. Paulo, contra os *roubadores de homens*.

Mas objectarás: «Os culpados são os que roubaram, eu possuia os escravos na boa fé.»

Bem, por isso eras desculpavel; porém essa boa fé não existe mais.

Sabes que foram roubados, como consentes em reter o roubo?

Tão bom é o ladrão como o consentidor. E' duro no teu caso a applicação desta maxima, e sinceramente desejo que dessa applicação te possas eximir.

Entretanto, essa maxima é a consagração popular do que diz o Apostolo: «São dignos de morte os que fazem semelhantes cousas, e... os que consentem aos que a fazem.» Rom. 1. 32.

Não roubaste, é verdade; mas aproveitaste do roubo que outros fizeram, e assim contentes, tornando-te solidario com elles perante Deus.

Quando compramos um objecto roubado e o dono reclama, absurdo e ridiculo seria exigir d'elle o valor do objecto, para lh'o entregarmos então. O unico recurso é irmos bater á porta do ladrão, para reclamar nosso dinheiro. Porém, o ladrão morreu, e outros moram em sua casa. Que fazer? Exigir dos novos moradores uma indemnisação? Elles nos bateriam, indignados, com a porta na cara.

Não ha remedio: é entregar o objecto roubado, ou lamentar inutilmente a nossa imprudencia ou má sorte. O contrario é

faltarmos á lealdade, e darmos o direito de sermos equiparados ao ladrão.

Pois bem, o escravo é o dono que reclama de ti sua liberdade. Deves exigir que elle te dê o valor daquillo que por direito natural lhe pertence ?

«O ladrão é o governo», dizes tu. Pois bem, reclama do ladrão o teu dinheiro. Mas, o governo que segundo tuas idéas, foi o ladrão, já morreu, e mesmo que não tivesse morrido, elle não tinha dinheiro para te pagar, pois o governo é apenas administrador dos dinheiros publicos. Com que direito pois, exiges indemnisação do actual governo ?

Desengana-te, perante os eternos principios da justiça, não tens direito de especular com a liberdade de teu semelhante, e como christão *deves deixar o fundo de emancipação aos que não se regem pelas normas sublimes do Evangelho*. Soffre o prejuizo, entrega a liberdade roubada a seu legitimo proprietario, assim o exige a lealdade, a justiça, a humanidade e Deus.

5." Lê a historia de Achan narrada no cap. 7 de Josué, donde transcrevi o texto que encima estes artigos. Repara como a cubiça de um homem turbou todo Israel. Só depois que as chammas do Valle de Achor consumiram seu cadaver, e tudo

quanto lhe pertencia, poude a benção de Jehovah cair sobre a congregação de seu povo.

Pois bem, retendo em tua casa o anathema da escravidão, não sómente chamas sobre ella o desagrado de Deus, mas ainda sobre a egreja de que és membro. A egreja, porém, protestará energicamente e «mostrará em tudo que não tem culpa neste negocio.» Então, a maldicção cahirá unicamente sobre a cabeça *do que se acha manchado d'esse crime.*

6.^o Confesso que grande é minha vergonha e grande a confusão da Egreja de Christo no Brazil, ao ver incredulos, pelo simples amor a humanidade, abrirem mão de seus escravos; entretanto que os que professam fé no Redemptor dos captivos *não rompem as ligaduras da impiedade, nem deixam ir livres os opprimidos!* Leitor, si acaso vires algum incredulo lêr este artigo, eu te peço, para honra da Egreja de Nosso Senhor no Brazil, que não deixe seus olhos percorrer este paragrapho 6.^o

7.^o Se Moysés, para libertar os servos israelitas, appellava para a escravidão e libertação da terra do Egypto (Deut. 15. 15); não terás, christão, na historia de tua vida um argumento ainda mais forte e mais commovente, para libertares teus escravos?

De um captiveiro amargo e degradante não te libertou o sangue do compassivo Redemptor? E agora ao contemplares teu escravo, não ouves a terrível repulsão de teu Senhor?

«*Servo máo, eu perdoei-te v divida toda..... não devias tu logo compadecer-te igualmente de teu companheiro, assim como também eu me compadeci de ti?*» Mat. 18. 32.

8.^o Bem vês, é infelizmente duro «fazer aos outros o que não queremos que elles nos façam», por isso «o caminho dos Céos é estreito.» O escravo é o «teu olho que te serve de escandalo.» é «o teu braço direito que te faz peccar.» Pois bem, *arranca-os*, diz o Mestre, *os violentos são os que arrebatam o reino dos Céos.*

Respeita na *possoa* dó teu escravo a imagem de teu Deus, não ultrages o direito inviolavel de uma propriedade sagrada.

Em nome da justiça, que fulminou Achan, em nome da caridade, que prégou o Crucificado Redemptor dos captivos, não continues a cobrir de ludibrio a Igreja envergonhada de nosso Senhor Jesus Christo:— *restitue a inalienavel liberdade a seu legitimo proprietario.*

0600/10 102-50/70

